

---

## Características do pensamento de

### Michele Federico Sciacca

*José Beluci-Caporalini\**

---

#### **Resumo**

Sciacca moveu-se para uma posição de "integralismo", isto é, passou de um período atualista e idealista a um espiritualismo cristão ou, como ele mesmo chamou, a uma "filosofia dell'integrità" ou idealismo realista de influência agostiniano-rosminiana. Ou seja, procurou harmonizar o seu pensamento com o humanismo e teísmo cristão-católicos.

A noção central de seu integralismo está na interioridade, de acordo com a qual o fundamento de todas as formas de ser e existir está na atividade do sujeito. Sciacca afirma que o existente, ou ato, não pode ser um fato entre fatos; a sua existência reside totalmente em sua própria atualidade autogerativa.

Contra o Existencialismo ele afirma que o ser do existente não pode ser pura possibilidade ou o nada; tem que ser o ser. O fundamento imanente do sujeito e de toda existência é um ser transcendente, não abstrato, mas mais concreto e existencialmente real que o sujeito, a saber, Deus. Ao afirmar a existência de Deus, o sujeito também afirma o seu próprio ser, o mais íntimo caráter de seu próprio ato existencial.

---

\*Professor de Filosofia, DCS, Universidade Estadual de Maringá, RP., Brasil.

Foi um pensador que se interessou por temas clássicos e contemporâneos, Deus, a Pessoa, a Alma, a Liberdade, a Existência a Morte, a Interioridade, o sentido da História e o problema do Mal sob a forma de estupidez; em uma palavra, a sua é uma concepção metafísica que se caracteriza, sobretudo como procura interior, comprometida e ardente (paixão), bem na linha platónico: agostiniana.

Palavras Chaves: Deus, Homem, Alma, Interioridade.

## **ABSTRACT**

Sciacca moved from an "Integralism" stand, that is, from an actualist and idealist worldview to a Christian spiritualism or, as he himself said to a "filosofia dell'integrità" or a realist Idealism of Augustinian-Rosminian influence. That is, he tried to harmonize his thought to humanism and Christian Catholic theism.

The central meaning of his Integralism lies in man's interiority, according to which foundation of all ways of being lies in the subject's activity. Sciacca states that existent, or act, can not be a fact amongst facts; his being fully lies in his self autogenerating actuality.

He states, against Existentialism, that existent's being can not be pure possibility or nothingness; it has got to be being. Subject's immanent foundation and, in fact, of all existing beings is a transcending being, not abstract, but alive and existentially more real than human being, that is, God. By stating God's existence, subject also asserts his own being, the most intimate character of his own existential act.

He was a thinker concerned with classic as well as contemporary themes, such as God, Man, Soul, Freedom, Existence, Death, Inwardness, the meaning of History and the problem of Evil under human stupidity; in short, his is a metaphysical worldview characterized, above all, as an inner search, committed and fiery (passion) pretty well according to Platonic-Augustinian thought.

Key Words: God, Man, Soul, Inwardness.

## **Introdução**

Procura-se neste artigo apresentar as principais características do pensamento filosófico do pensador italiano Michele Federico Sciacca. Ele foi um pensador do século passado, um verdadeiro erudito, um homem que sabia muito e em profundidade. O seu campo de interesse especulativo é muito amplo, tomando-se assim difícil classificá-lo em uma determinada corrente

filosófica. Contudo, alguns aspectos característicos destacam-se em seu interesse especulativo, dentre os quais sobressaem o problema do homem, a alma, Deus, o compromisso, a paixão, a busca da verdade, do absoluto, em poucas palavras, temas claramente metafísicos, que herda particularmente de Platão e de Agostinho, além de Rosmini, como se pode ver abaixo.

Como é que estes aspectos se articularam em seu pensamento, em seu interesse intelectual, em sua inquietação filosófica? É o que se procura examinar a seguir.

### **I - Apresentação geral de Michele Federico Sciacca**

Michele Federico Sciacca nasceu em 1908 em Giarre, Catânia, e faleceu em Gênova em 1975, aos 67 anos de idade. Cedo descobriu o seu desejo de buscar a verdade capaz de lhe dar sentido à vida. Estudou, entre outros, Leopardi, Demócrito e Epicuro, bem como Kant e Fichte, os quais apesar de não lhe responderem todas as aporias morais, encaminham-no temporariamente para o idealismo transcendental. Estudou na Universidade de Nápoles com o idealista Antonio Aliotta onde conseguiu o posto de livre-docente em história da filosofia na mesma universidade com o apoio do famoso helenista Aurelio Cavotti. A partir de 1938 foi professor de história da filosofia em Pavia e sucessivamente, a partir de 1947, até a sua morte, professor de filosofia na Universidade de Gênova.

Grande estudioso de Rosmini foi presidente e animador do Centro Rosminiano de Stresa, ao qual dedicou tantas das suas mais apaixonadas fadigas.

Animador incansável de Congressos e Reuniões Internacionais, Diretor da Revista de Cultura *Humanitas* (1948) e do famoso e importante *Giornale di Metafisica*, além de assíduo colaborador da *Rivista Rosminiana* e de muitas outras; dirigiu várias coleções de distintas casas e editoras.

A revista *Giornale di Metafisica* tornou-se o órgão principal do espiritualismo cristão e assumiu desde o começo uma posição decisiva a favor da metafísica contra toda negação de la por parte do imanentismo moderno em geral, e, particularmente, contra o atualismo, o historicismo e o problematismo.

Começou como historiador das idéias e escreveu importantes trabalhos sobre Reid (1935), Platão (1939) e Santo Agostinho (1939); e uma sólida obra sobre o pensamento italiano, *Il XX secolo*, dois volumes e outra sobre o pensamento europeu contemporâneo, *La filosofia oggi*, 1945.<sup>1</sup>

## II - Características gerais de seu pensamento

Apesar de Sciacca ter estudado com Antonio Aliotta, o seu maior estímulo proveio de Giovanni Gentile, de quem ele deriva o seu axioma básico segundo o qual o ser concreto deve ser o ato, no o fato.<sup>2</sup> Sciacca desenvolveu este princípio a seu modo sob a influência de Platão, Santo Agostinho, Antonio Rosmini e Maurice Blondel.

Sciacca moveu-se para uma posição de "integralismo", ou seja, passou de um período atualista e idealista a um espiritualismo cristão ou, como ele mesmo chamou, a uma "filosofia dell' integrità" ou idealismo realista de influência agostiniano-rosminiana. Ou seja, procura harmonizar o seu pensamento com o teísmo cristão-católico.

A noção central de seu integralismo está na interioridade, de acordo com a qual o fundamento de todas as formas de ser e existir está na atividade do sujeito. Sciacca afirma que o existente, ou ato, não pode ser um fato entre fatos; a sua existência reside totalmente em sua própria atualidade autogerativa. Contra o Existencialismo ele afirma que o ser do existente não pode ser pura possibilidade ou o nada; tem que ser o ser.

---

1. GUALCO, Fabrizio e FUSARO, Diego. In: Michele Federico Sciacca, [www.filosofiro.net/Sciacca.html](http://www.filosofiro.net/Sciacca.html) D. CAPONIGRI, A. Robert. SCIACCA, Michele Federico. In: Paul Edwards, Ed. *The Encyclopedia of Philosophy*, London-New York: Macmillan, 1972. V. VII, p. 337. MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. Nueva ed. act. bajo la dir. de Josep-María Terricabrás. Barcelona: Ariel Referencia, 1994, p. 3209-3211. V. IV. URDANOZ, Teófilo. *Historia de la Filosofía: siglo XX: neomarxismos. Estructuralismo. Filosofía de inspiración cristiana*. Madrid: BAC, 1985, V. VIII, p. 412-416. CRIPPA, R. SCIACCA, Michele Federico. In: *Enciclopedia Filosófica*. 2.ed. int. reelaborata. Gallarate: G. C. Sansoni, Ed., 1967, p. 1135-1138. V. V. MACEDO, Ubiratan Borges de. *Metamorfosea da liberdade*. São Paulo: IBASA, 1978. (Biblioteca Filosofia e Religião, 4), p. 165ss. MONDIN, Battista. *Storia della Metafisica*. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 1998, V. III. Artigo: Il ritorono a S. Agustino: Michele Federico Sciacca, p. 726ss.

2. CAPONIGRI, A. Robert, art. cit., p. 337.

Para Sciacca este ser é a interioridade objetiva, cuja exposição teórica encontra-se em seu livro *Interiorità oggetiva*.

A interioridade é o colocar-se a si mesmo como ato por parte do existente. Definida assim, ela não pode ser concebida como puramente imanente, à maneira de Gentile. Deve pôr-se com referência a este horizonte. O princípio básico estrutural da interioridade é a verdade, ou a afirmação do fundamento do sujeito, de sua existência no mesmo ato de existir. O fundamento imanente do sujeito e de toda existência é um ser transcendente, não abstrato, mas mais concreto e existencialmente real que o sujeito, a saber, Deus. Ao afirmar a existência de Deus, o sujeito também afirma o seu próprio ser, o mais íntimo caráter de seu próprio ato existencial.<sup>3</sup>

Pertenceu à família espiritual agostiniana, matriz da Igreja Ocidental e fermento de renovação do Catolicismo. Foi um homem do seu tempo e eterno ao mesmo tempo como seu mestre Agostinho. Sofreu as angústias dos problemas epocais; a eles procurou trazer a solução teórica de sua filosofia vitalizada por sua fé cristã. Transcendeu, porém, seu tempo e, como mostra dessa ligação ao eterno, manteve-se sempre imune à tentação da política, comum no intelectual do século vinte; em urna sugestiva passagem de sua autobiografia intitulada *A Clepsidra* escreve:

A política, mal necessário, é intrinsecamente atividade de homens inferiores, ainda que os chamemos de "gênios"; o particular, o empírico, o contingente instrumenta os princípios e os valores e por isto aquela não é uma atividade criadora ou reveladora de universalidade e do valor, como a poesia, a arte, a filosofia. Quem tem o gosto do verdadeiro, do belo, e do bem não faz política<sup>4</sup>

### III - Etapas do seu itinerário intelectual e obras correspondentes

No começo, sob a influência de Aliotta, estava imbuído do idealismo atualista de Gentile e, portanto, longe da fé cristã já que aquele é incompatível com esta. Sciacca sente-se insatisfeito com

---

3. Id. ib.

4. *Apud*: MACEDO, Ubiratan Borges de, op. cit., p. 165-166. Há que se notar, contado, que neste ponto, Sciacca destoa de Platão, o qual, na *República* e na Carta VII, não vê incompatibilidade entre o filósofo e o político. Cf. CAPORALINI, José Beluci. *O conceito de homem em Fidelino de Figueiredo*. Londrina: EDUEL, 2001, Cap. IV, p. 139-164.

tal conceito de interioridade, vazio para ele. Move-se, aos poucos para um espiritualismo crítico; Deus é visto como eterna atividade criadora; o mundo é coeterno com Deus, co-criação de Deus e do espírito humano. Os seus primeiros ensaios são ecos destas teorias: *Studi di filosofia analítica*, Nápoles, 1934; *Filosofia medievale e moderna* Nápoles, 1935; *Thomas Reid*, Nápoles, 1935 e *Linee di uno spiritualismo critico*, Roma, 1936.

A nova fase, que ele chama "dallo spiritualismo critico allo spiritualismo Cristiano" dá-se a partir de 1936 com um aprofundamento da vida moral e da consciência moral, vivamente sentida por Sciacca.

Todo ato da vontade é um ato de amor, que implica a aspiração imanente da autoconsciência dos sujeitos limitados a uma totalidade que os transcende, e que postula, além da experiência, uma realidade absoluta na qual se possam saciar.

Esta espécie de conversão a uma "metafísica moral cristã-católica" reclama a integração teológica. Estudou as doutrinas platônicas e Rosmini. Os escritos deste período são: *Metafisica di Platone*, Roma, 1938; *La filosofia morale di Antonio Rosmini*, Roma, 1938 e, também de inspiração rosminiana, *Teoria e pratica della volontà*, Nápoles, 1938. Escreveu ainda: *Pascal*, Bréscia: 1944; *Sant' Agostino*, 1949 e *Dialogo con Maurice Blondel*.

Nas suas obras teóricas, como *Filosofia e metafisica*, Bréscia, 1950; *L'intéríté objective*, Milão, 1951; *L'uomo, questo squilibrato*, Roma, 1956; *Atto e essere*, Roma, 1956; *Morte ed immortalità*, Milão, 1959 até *La libertà e il tempo*, Milão, 1956, Sciacca caracterizou o seu modo de pensamento como "filosofia della integralità", que implica uma antropologia integral e espiritual. Há também a importante obra deste período intitulada *Il problema di Dio e la religione nella filosofia attuale*, Bréscia, 1944 e *Como se comprova a existência de Deus e a imortalidade da alma*, Sítio Paulo: Mundo Cultural, 1977.

A contribuição de Sciacca à história da filosofia é extremamente importante. *La filosofia nel suo sviluppo storico*, Roma, 1941. (Versão espanhola, Adolfo Muñoz Alonso, *Historia de la Filosofia*, Barcelona, Luís Miracle Editor, 1950; edição portuguesa: *História da Filosofia*, São Paulo: Mestre Jou, 1967, 3 volumes); 11 seculo XX, Milão, 1941;

*La filosofia oggi*, Milão, 1945; *La filosofia italiana nella età del Risorgimento*, Milão, 1948, etc.

E, por fim, as suas preocupações como pensador cristão, em que à erudição filosófica une-se o domínio do conhecimento teológico: *Gli arieti contro la verticale*, *La Chiesa e la civiltà moderna*, *L'oscuramento dell'intelligenza*, *L'ora di Cristo*.

Estas e outras obras encontram-se na monumental edição de suas *Opere complete*, com quarenta volumes já editados.

Concluindo: ainda que seja difícil classificá-lo em uma corrente filosófica determinada, pode-se, talvez, dizer que o Professor Michele Federico Sciacca foi um eminente membro do chamado espiritualismo cristão (uma das correntes neo-agostinianas da filosofia atual, na sua dimensão metafísica da interioridade), porém o seu pensamento não se restringe apenas a esta corrente. A sua visão filosófica das correntes, dos sistemas e dos filósofos prioriza salientar o que têm de profundamente humano e espiritual, pois ele está convencido que a filosofia é reflexão sobre o homem e sondagem das suas profundidades.<sup>5</sup>

Ubiratan Borges de Macedo, depois de ressaltar a vasta plêiade de discípulos que Sciacca deixou na Itália, nos E.U.A, e na América Latina afirma:

Há que assinalar em Sciacca o seu caráter 'clássicos'; é um continuador de Agostinho, Pascal, Rosmini e Blondel, para quem a filosofia é uma reflexão sobre Deus, a Liberdade, a Pessoa, a Existência, a Morte e o sentido da História. Ele considera uma logomaquia a engenhosa discussão sobre signos lingüísticos tão cara a certas correntes contemporâneas. A outra característica marcante é sua 'contemporaneidade' da abordagem daqueles clássicos ternas, o último livro do corpus é uma filosofia da História, onde se aborda de frente o problema do mal sob a forma de estupidez, sobretudo da estupidez historizada ou o ocidentalismo, que surge sob a forma de niilismo de tecnocracia e de impiedade religiosa.<sup>6</sup>

---

5. Cf. observações do Editor da edição brasileira, na orelha de seu livro *História da Filosofia*,

V. I.

6. Idem, op. dt., p. 168. Que diria Sciacca em face de tantas formas de mal perpetradas, no cometo do século XXI, supostamente em nome de visões religiosas?

#### IV - A concepção metafísica de Michele Federico Sciacca

Battista Mondin, em sua monumental *Storia della Metafisica*, 2000 páginas, mostra de modo assaz feliz, claro e profundo o pensamento do escritor italiano, cuja síntese abaixo se expõe.<sup>7</sup>

Depois de um breve período de adesão à filosofia de Gentile, Sciacca orientou-se para o espiritualismo cristão e tornou-se, na Itália, o mais válido e resoluto representante do espiritualismo de direção agostiniana e ao mesmo tempo um dos mais convictos e ardorosos defensores da metafísica.

Sciacca pode ser considerado um poeta da metafísica. Sobre a importância, a qualidade, o valor do saber ele escreveu muitas páginas líricas. Eis um trecho que documenta bem o "lirismo" da sua metafísica:

O homem é sempre fermentado, farinha que se faz pão, sempre novo pão: a forre do ser é levedura inexaurível. Todo ente é dado, mas é isto que se faz, se constrói no espírito, mas só porque se constrói no e sobre o ser: o fermento de hoje emerge sempre ao nível do amanhã: levedura e levedação perene. (*sic*) É a *tensão* da vida espiritual na sua integralidade. Tensão que não terne ruptura, porque a tensão do ser ao Ser é o 'tónico', o 'reconstituente' do espírito (...). O ontólogo, o metafísico verdadeiro, não 'fala' do ser, 'vive' do ser e no ser assumindo o problema total do significado do seu ser integral, desde as suas profundas e abissais raízes espirituais.<sup>8</sup>

Três são as principais fontes da metafísica de Sciacca: Platão, Agostinho e Rosmini; duas outras fontes importantes são Aristóteles e Tomás de Aquino. Mas seu objetivo é propor de novo aos nossos dias o *agostinismo perene*. E para Sciacca

Agostinismo significa querer conhecer antes de tudo duas coisas: Deus e a alma, a minha alma que ama Deus, que aspira por Deus. Logo humanismo e espiritualismo cristão; centralidade do problema da alma humana perante Deus, que fala nela; descoberta da consciência do homem e das coisas; sentido da criação, que se surpreende como tal na aspiração perene pelo Criador e, pois, sentido profundíssimo, interior, da transcendência.<sup>9</sup>

---

7. Op. cit., p. 726-732.

8. SCIACCA, M. F. *Filosofia e metafísica*, Brescia: 1950, p. 234-235.

9. Idem, *ibid.*, p. 27.



A metafísica de Agostinho é, como se sabe, uma metafísica da interioridade centrada sobre a verdade. A verdade habita no coração do homem: *in interiore homine habitat veritas*. (*De vera religione*, 39,72). Mas a verdade não se identifica com o homem: a verdade é superior ao homem, e é a medida de tudo o que o homem pensa, quer e cumpre. Tal verdade transcendente não pode ser senão Deus.

Sciacca volta a propor, atualizando-a, a metafísica agostiniana da interioridade, e a julga capaz de resolver em si as duas metafísicas opostas 'do ser' e do 'pensamento', conservando ao pensamento e ao ser toda a sua validade e positividade. E, com isto, ele presta um bom serviço ao pensamento moderno bem como ao *tradicional*, um bom serviço qual se destina a filosofia, isto é, avançar no caminho da verdade.<sup>10</sup>

*Radicados na tradição queremos pensar o futuro*,<sup>11</sup> foi o mote de Sciacca.

Com Agostinho, Sciacca define a filosofia como procura da verdade.

Quem filosofa é chamado à verdade, tem a vocação pela verdade. A verdade não conhece e busca; mas já tem fé na verdade. Fé na verdade e nos seus desígnios, mesmo malgrado tudo.<sup>12</sup>

Quem filosofa põe-se a caminho para encontrar a verdade.<sup>13</sup>

A inspiração da filosofia é o amor incondicionado à verdade, que é, pois, ainda quando não se tem consciência, amor a Deus que é a verdade.<sup>14</sup>

Entre as características tipicamente agostinianas que Sciacca sublinha na procura filosófica figuram:

---

10. *Ibid.*, p. 10-11.

11. *Ibid.*, p. 25.

12. *Ibid.*, p. 20.

13. *Ibid.*, p. 29.

14 *Ibid.*, p. 234.

-a *interioridade*, como se mencionou acima;

-o *empenho*: diversamente da ciência, a qual não comporta nenhum compromisso existencial, a

filosofia é comprometida (...) o filósofo identifica-se com a sua filosofia, com a sua verdade, que é a sua vida. Cada filósofo é uma fórmula, mas a sua fórmula não é uma abstração, é toda a riqueza radicalmente, da sua vida; a fórmula é a cruz, na qual ele crucificase e pela qual renasce perenemente;<sup>15</sup>

- a *paixão*:

'a filosofia é Eros'; a filosofia é vontade de sacrifício: quem filosofa está consciente de ser vítima da Verdade. Por isto é renúncia de tudo que impeça o amor e a posse interior do *unum necessarium*; renúncia dolorosa às vezes, e, pois, ainda humaníssima. Provocadora dela, a filosofia é choque, sacudidela de todo o ser humano, ruptura de tudo que não é essencial ao ser e de todo impedimento à obtenção da verdade. O seu objeto é Deus; procura-o, quer conhecê-lo, possuí-lo. *A filosofia é charitas*, natural, que se exercita com a luz da razão, luz essa que nos foi concedida por Deus como a única coisa que nos faz desejosos dele e é condição para conhecê-lo.<sup>16</sup>

- a *humildade*: esta virtude, muito rara, mas assaz preciosa, é indispensável ao filósofo verdadeiro.

É-lhe, pois essencial à humildade, raiz e guia da ascese filosófica: humildade de sentir-se criatura e de amar em si o criador, de sentir que é testemunha do Ser e do Bom e do Bem, que procura e ama; de amar a própria existência como dom e, portanto como ato de amor. A humildade, que é lei de amor, faz morais o intelecto e a vontade e eficaz o compromisso de vencer as nossas paixões e as nossas debilidades; dá-nos o sentido do sacrifício purificador ao qual somos chamados para subir ou para filosofar. Portanto é sacrifício que acrescenta a humanidade do homem, como a poda da árvore frutífera adorna e vigora a planta.<sup>17</sup>

---

15. *Ibid.*, p. 27.

16. *Ibid.*, p. 44.

17. *Idem.*, *ibid.*

Todas estas características singulares que Sciacca sublinha na filosofia reencontram-se aumentadas na sua concepção da metafísica: é, sobretudo, a metafísica que se qualifica como procura interior, comprometida, humilde e ardente (paixão).

Como para todo metafísico, em general, também para Sciacca a metafísica está orientada em direção à transcendência: é um caminho à transcendência; e é, portanto, procura de Deus, que é o Transcendente por antonomásia. A interioridade, segundo Sciacca, é verdadeiramente tal só se se abre à transcendência: ela tem significado se refere a uma realidade transcendente e objetiva em cujo horizonte define-se e consiste.

Explicitando melhor a natureza da metafísica, Sciacca a faz consistir essencialmente na distinção entre o relativo e o absoluto, entre o particular e o universal, entre o 'físico' e o 'metafísico', entre o 'sensível' e o 'Idea'.<sup>18</sup> Estas distinções introduzidas por Platão, e retomadas por Aristóteles, constituem a espinha dorsal de toda metafísica:

Nós, pois cremos que haja um platonismo essencial e perene que é a própria alma de toda metafísica: a aspiração pelo mais além do físico (*trans-physica*), o divino Eros, que é sede de imortalidade da alma na contemplação beatificante do Ser absoluto eterno; platonismo essencial que implica distinção e dualidade de mundos: 'este' e 'o outro' mundo em um relacionamento relativo e absoluto, de contingente e necessário, de temporal e eterno. Platonismo, que é nosso, se transposto em termos agostinianos de uma metafísica da experiência interior finalizada no diálogo perene da alma com Deus, de todo homem com toda verdade que é; interioridade que não suprime o mundo, ao contrário, desde dentro, reconquista-o na sua verdade e realidade, que é o ato criador de Deus, do qual todas as coisas *quae facta sunt* são prova e testemunho.<sup>19</sup>

Deus é o tema capital e conclusivo de toda metafísica. E este é também o tema sobre o qual Sciacca prodigalizou todo o seu empenho especulativo. Presente nas *Linee di uno spiritualismo critico* (1936) que se concentra sobre o problema de Deus, a pergunta sobre Deus é posta de novo nos *Problemi di filosofia* (1940), nas *Lettere dalla campagna* e em *Filosofia e metafísica* (1950), onde o autor dedica metade da obra à questão da existência de Deus (p. 124-266).

---

18. Ibid., p. 66.

19. Ibid., p. 67.

Sabe-se que se ascende a Deus especulativamente por muitíssimas vias. Não existem somente as "cinco vias cosmológicas" de Santo Tomás, mas também as vias ontológicas de Anselmo, Cartésio, Spinoza, Malebranche, Rosmini, Gioberti; além das vias "antropológicas" de Kant, Lotze, Blondel, Scheler, Maritain. Praticamente cada metafísica é uma subida ou uma navegação em direção a Deus. Já se observou que toda a especulação filosófica de Sciacca nutre-se de uma forte paixão teológica. Para ele uma metafísica que não fale de Deus e que não conduza a Deus é uma metafísica estéril: é uma metafísica que fracassa em seu objetivo principal. Para chegar a Deus Sciacca percorre três vias: a via da criatura, a via da existência e a via da verdade.

A existência de Deus não é evidente, como pretendem os ontologistas, mas é demonstrada, até certo ponto. São, ao contrário, evidentes os dados, os fenômenos que tornam possível a demonstração da sua existência. São fenômenos que tornam impossível eliminar a "hipótese de Deus". O primeiro fenômeno sobre o qual Sciacca elabora a existência de Deus é o fenômeno da "criaturalidade". Contra a pretensa "criatividade" do espírito tanto exaltada pela filosofia moderna, Sciacca opera uma "inversão metafísica" e sublinha a "criaturalidade" do ser e do espírito humano. Escreve ele:

A 'criaturalidade'- o sentir-se criaturas — é o ato primordial da consciência: no próprio momento que percebo (ainda que confusamente) ser, percebo que sou por mim mesmo, que sou 'existente', isto é, por outros. Percebo, portanto, através dos limites do meu ser, que um (o) ser 'não limitado, fez-me' 'existir'. A apresenta de mim para mim mesmo implica a 'presenta' mediata (analógica) em mim do Ser, sem a qual jamais perceberia o meu limite (e pois o ser pelo qual sou) e também eu mesmo saberia que sou (...). O ato de pensar implica uma dupla ontologia: realidade dos seres e realidade do Ser, como implica o intuito fundamental da verdade, que funda o pensar. Há, portanto o ser como idéia, os seres como existentes, finitos e relativos e o Ser como existente infinito e absoluto."

Como argumento da "criaturalidade" entrelaça-se o argumento da "existência". A existência humana não só não é não causada como é doada: é um dom que lhe é dado por outros e ultimamente pelo ser primeiro; mas há mais: é uma existência transitória, é tu

---

20. Ibid., p. 82-83.

existência destituída de consistência e de estabilidade. Isto significa que

o existente não é perfeito mas perfectível, portanto é incompleto em qualquer estado e grau da sua atuação. A imperfeição do existente põe o problema de sua conclusão e ao mesmo tempo atesta o Incondicionado (*omne movetur ab alio movetur*, segundo a fórmula que é comum a Agostinho e a Tomás). O existente é em cada momento a sua consistência, mas em cada momento não é nunca toda a sua consistência: a sua é uma aspiração infinita, porque é uma aspiração total. Interioridade de si a si, como tal, interioridade de algo diverso, de outrem, como esforço perene de interiorização, de conquista de si no Outro. A subjetividade profunda não é um dado, mas o realizar-se de si mesma, a conquista de si no abandono de Deus.<sup>21</sup>

Mas a via que Sciacca não se cansa nunca de percorrer continuamente, procurando torná-la sempre mais sólida e segura, para evitar qualquer armadilha ou escorregões perigosos, é a *via da verdade*. E a celeberrima "via agostiniana", que se afina perfeitamente com uma metafísica da verdade, como pretende ser a metafísica de Sciacca. Eis uma das tantas formulações que ele apresenta desta via:

A verdade é uma realidade inteligível, ou seja, objeto de um pensamento ou de uma inteligência: não há verdade sem um pensamento que a pense, uma inteligência que a entenda. No caso da mente humana finita, isto não significa que a mente humana fala a verdade ser ('a ponha'), mas somente que a descobre em si, a intui. O que conta é que onde há verdade há pensamento, inteligência. Ora a verdade que a mente humana intui é independente da própria mente: não é verdade de ontem e de hoje, mas de sempre como toda verdade é "extratemporal" e por isso necessária, eterna. Portanto sempre foi verdade: por conseguinte era antes que a mente humana a pensasse e o será ainda que nenhuma mente humana exista amanhã. Por outro lado, se é verdade, objeto da inteligência, não pode ser tal sem que uma inteligência a pense; mas assim como não pode não ser, precisamente porque eterna, logo há uma Mente ou um Pensamento que a pensa, eterna como ela. Mas se Pensamento eterno então é da própria natureza da verdade: Pensamento eterno e absoluto ou Verdade eterna e absoluta são unívocos; portanto a Mente absoluta e infinita (à diferença daquela humana mutável e finita) é ela mesma a verdade, e não, pois, que apenas participe, (da verdade) como um ente racional finito. Portanto existe a Mente

---

21. Ibid., p. 116.

absoluta infinita que é a Verdade absoluta e infinita, a Verdade em si e da qual procede toda verdade: é a Verdade criadora (Deus).<sup>22</sup>

O exame das várias provas da existência de Deus confirma, pois a primazia da prova "da verdade", daquela prova que colhe no próprio ato do pensar a razão do transcender o pensar humano. A hipótese Deus cessa de ser uma hipótese e se torna verdade, e assim, bem ao contrário, que Deus não exista, será a hipótese impossível. O procedimento natural e crítico da razão leva onde se une a sabedoria secular dos homens: concluí em um Deus que, precisamente pelo procedimento da interioridade e o convergir das instâncias reais diversas do homem, não pode ser puro princípio cosmológico, mas deve ser um princípio personalístico. A solicitação mais profunda do homem é a de unir-se ao Deus da consciência religiosa, assim como o fim do filósofo cristão é o de provar a existência de Deus no qual ele cré por fé.

## **V - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Da presença da verdade no pensamento, à permanência final do sujeito na Verdade que o constitui: o discurso de Sciacca permanece sempre decisivamente especulativo, no sentido de fundar na verdade conquistada racionalmente, porém que aponta para a Verdade, o sentido integral do viver.

Obstinado advogado da metafísica, Sciacca era ao mesmo tempo também e, sobretudo um pensador do concreto, da pessoa humana, e por outro lado um impetuoso aliado de quem quer que seja que combatesse aqueles que com mote platónico chamava de os "cavernículos". Sentia-se próximo a Agostinho não somente na ordem do pensamento (na concepção da busca da verdade, da interioridade, do absoluto, do homem, da alma e de Deus), mas também nas ordens da expressão e da procura; possuía a fineza apaixonada de certas análises introspectivas, a sutileza da argumentação junto com a eloquência convincente do conteúdo.

O seu pensamento também se caracteriza como sendo da integralidade, no sentido de não sacrificar o sujeito ao objeto nem vice-versa, o corpo à alma nem ao contrário e no sentido que

o

---

22. Ibid., p. 161-162.

existente, o homem, não pode ser pura possibilidade ou o nada; tem que ser o ser.

Uma palavra final: à semelhança de Hannah Arendt ou José Ortega y Gasset, Michele Federico Sciacca é um pensador difícil de ser catalogado, de ser inquestionavelmente classificado em uma corrente de pensamento bem definida, como ele mesmo afirmou:

"(...) há pensadores que vivem de renda ou se repetem, outros que crescem sobre si mesmos; para compreendê-los é necessário conhecer bem o seu itinerário crítico de indagação. Provavelmente pertencem a estes últimos.<sup>23</sup>

## VI - BIBLIOGRAFÍA

1. SCIACCA, Michele Federico. *Milán: Il Secolo XX*, 1941. 2 v.
2. IDEM. *La filosofía hoy*. Barcelona: 1947.
3. IDEM. *Historia de la filosofía*. Barcelona: 1950.
4. IDEM. *San Agustín*, I. Barcelona: 1955.
5. IDEM. *La interioridad objetiva*. Murcia: 1955.
6. IDEM. Uomo e Dio em Sant'Agostino. *Anais do Congresso Internacional de Filosofia*. Vol. I: de 09 a 15 de agosto de 1954. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1956, p. 49-55.
7. IDEM. Santo Agostino Essenziale. In: Publicações do Instituto de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. *Boletim* nº, 1956(?).
8. IDEM. *El hombre, este desequilibrado*. Barcelona: 1958.
9. IDEM. (Dir.). *Las Grandes Corrientes del Pensamiento Contemporáneo*. Milán: 1958-64. 6 v.
10. IDEM. (Dir.) *Grande Antologia Filosófica*. Milán: 1958. 12 v.
11. IDEM. *Acto y ser*. Barcelona: 1961.

---

23. SG1AGGA, Michele Federico, In: Ontologia triadica e trinitaria, Palermo, L'Epos, 1990, *apud*, GUALCO, Fabrizio e FUSARO, Diego, Michele Federico Sciacca, [www.filosofico.net/Sciacca.html](http://www.filosofico.net/Sciacca.html)

12. IDEM. *La libertad y el tiempo*. Barcelona: 1967.
13. IDEM. *História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média*. Trad. de Luís Washington Vita. 3.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1967. 3v
14. IDEM. *La Chiesa e la civiltá moderna*. Milano: Marzorati, 1969.
15. IDEM. *L' interioritá oggettiva*. Palermo: L'Epos, 1989.
16. IDEM. *Pascal*. Palermo: L'Epos, 1989.
17. IDEM. *Dialogo con Maurizio Blondel*. Palermo: L'Epos, 1990.
18. IDEM. *Platone*. Palermo: L'Epos, 1990.
19. IDEM. *Ontologia triadica e trinitaria. Discorso metafísico teologico*. Palermo: L'Epos, 1990.
20. IDEM. *La filosofia morale di A. Rosmini*. Palermo: L'Epos, 1990.
21. IDEM. *Morte e immortalità*. Palermo: L'Epos, 1990.
22. IDEM. *L'estetismo, Kierkegaard, Pirandello*. Palermo: L'Epos, 1990.
23. IDEM. *Il chisciottismo tragico di Unamuno*. Palermo: L'Epos, 1990.
24. CRIPPA, R. SCIACCA, Michele Federico. In: *Enciclopedia Filosofica*. 2.ed. int. rielaborata. Gallarate: G.C. Sansoni, Ed., 1967, p. 1135-1138. V. V.
25. D. CAPONIGRI, A. Robert. Sciacca, Michele Federico. In: Paul Edwards, Ed. *The Encyclopedia of Philosophy*, London-New York: Macmillan, 1972. V. VII, p. 337.
26. GUALCO, Fabrizio e FUSARO, Diego. In: Michele Federico Sciacca, [www.filosofico.net/Sciacca.html](http://www.filosofico.net/Sciacca.html)
27. MACEDO, Ubiratan Borges de. *Metamorfoses da liberdade*. São Paulo: IBASA, 1978. (Biblioteca Filosofia e Religião; 4), P. 165ss.
28. MONDIN, Battista. *Storia della Metafisica*. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 1998, V. III. Artigo: Il ritorno a S. Agostino: Michele Federico Sciacca, p. 726ss.



29. MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*. Nueva ed. act. bajo la dir. de Josep-María Terricabrás. Barcelona: Ariel Referencia, 1994, p. 3209-3211. V. IV.

30. URDANOZ, Teófilo. *Historia de la Filosofía: siglo XX: neo-marxismos. Estructuralismo. Filosofía de inspiración cristiana*. Madrid: BAC, 1985, V. VIII, p. 412-416.

31. SCIACCA NA INTERNET

[www.Lepos.it/collane/collane.htm](http://www.Lepos.it/collane/collane.htm)

[www.disspe.unige.it/pag4.htm](http://www.disspe.unige.it/pag4.htm)

[www.Lib.berkeley.edu/Collections/Romance/ita11001](http://www.Lib.berkeley.edu/Collections/Romance/ita11001)

[www.unige.it/strutture/ou/staff/DISSPE](http://www.unige.it/strutture/ou/staff/DISSPE)

[www.rosmini.altea.it/rosm2b.htm](http://www.rosmini.altea.it/rosm2b.htm)

[www.tilgher.it/meta.html](http://www.tilgher.it/meta.html)

[www.filosofico.net/Sciacca.html](http://www.filosofico.net/Sciacca.html)